

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

(Re) Construção da Identidade: alterações na categoria trabalho e sua implicação na identidade do trabalhador do setor calçadista de Franca/SP.

Andresa Alves de Carvalho

Helen Barbosa Raiz Engler

A ideologia neoliberal pode ser sintetizada nas seguintes propostas: reforma do Estado, desestatização da economia, privatização de empresas produtivas e lucrativas governamentais, abertura de mercados, redução de encargos sociais relativos aos assalariados por parte do poder público e das empresas ou corporações privadas, informatização de processos decisórios, produtivos, de comercialização e outros, busca da qualidade total, intensificação da produtividade e lucratividade da empresa ou corporação nacional e transnacional.

No âmbito dos dilemas e horizontes que se abrem com a globalização, formando e desenvolvendo o neoliberalismo, entre outras correntes de pensamento político, intitui-se polarizações bastante evidentes, na qual indivíduos e coletividades, grupos e classes, partidos políticos e movimentos sociais, procuram situar-se no âmbito da sociedade.

É no contexto do globalismo que o liberalismo se transfigura em neoliberalismo. A nova divisão transnacional do trabalho e da produção, a crescente articulação dos mercados nacionais em mercados regionais e em um mercado mundial, os novos desenvolvimentos dos meios de comunicação, a formação de redes de informática, a expansão das corporações transnacionais e a emergência de organizações multilaterais, entre outros desenvolvimentos da globalização do capitalismo, tudo isso se institui e expande as bases sociais e as polarizações de interesses que se expressam no neoliberalismo. (IANNI, 1996, p.217)

Os principais representantes dos ideais e práticas neoliberais, em todo o mundo, tem sido o FMI – Fundo Monetário Internacional, BIRD – Banco Mundial/ Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, OMC – Organização Mundial do Comércio. No entanto,

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

sob todos os aspectos, teórico ou ideológico, o neoliberalismo revela como se desenvolve a globalização, na qual sempre se privilegia a propriedade privada, a produtividade e a lucratividade.

Concomitante ao desenvolvimento do neoliberalismo continua a manifestar-se e agravar-se as mais diversas tensões e fragmentações, como o desemprego estrutural, que envolve o pauperismo, as xenofobias, o racismo, atingindo, principalmente, os trabalhadores e desempregados desta nova ordem capitalista.

Nesta conjuntura, o Estado é convertido em um ajustador das práticas e políticas da economia global. No Brasil, o primeiro governo a se submeter a esta nova ideologia foi o do presidente Fernando Collor de Mello.

O Governo Fernando Collor de Melo¹ submeteu o país aos requisitos do Consenso de Washington (que simbolizou a legitimação do neoliberalismo), legitimando a adoção da nova política econômica, em março de 1990, iniciando um processo de abertura rápida da economia brasileira. Políticas de privatizações, austeridade fiscal e desindexação foram adotadas de maneira complementar. Somente a política de câmbio fixo não esteve presente no desenho da nova política econômica. Iniciou-se desse modo a reinserção da economia brasileira através de uma abertura do mercado nacional de bens e dinheiro, mais compatível com a lógica da era da globalização econômica e financeira.

O cenário econômico do país foi marcado pela implantação de dois planos de governo, o Plano Collor I e o Plano Collor II. O primeiro consistia em uma abertura econômica, liderada pelo setor privado. Nesse momento ocorreu o seqüestro das contas (contas bancárias, cadernetas de poupança e quaisquer outras aplicações financeiras) por 18 meses, sendo que após este período, o dinheiro seria devolvido em 12 parcelas mensais. A moeda em circulação, o Cruzado Novo, foi substituído pelo Cruzeiro, na proporção um por um.

¹ Segundo Navarro (2005), depois do denominado Plano Collor I, decretado em março de 1990 com o objetivo de deter a hiperinflação e ajustar a economia, o governo Collor apresentou, em 26 de junho de 1990, um conjunto de medidas de política exterior – Pice. (...), tinham o objetivo de promover um processo de modernização, uma ‘ruptura com passado’, ‘uma mudança em 180°’ na rotação da produção nacional, uma ‘grande revolução’.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Já o segundo, que veio para substituir o fracasso do primeiro, previa o congelamento dos salários, extinção de órgãos e empresas públicas, privatização de empresas estatais.

O seqüestro das contas e o congelamento de preços e salários destinavam-se a eliminar a inflação deixada pelo governo anterior, o Governo José Sarney. Pois, com os preços e salários congelados e, sobretudo, com as empresas e o público sem dinheiro, a procura por mercadorias cairia, fazendo com os preços decrescessem, eliminando, assim, a inflação. Já a abertura comercial tinha como objetivo o impedimento da elevação dos preços, pois os empresários estariam enfrentando a concorrência dos produtos importados.

Quanto à privatização das empresas estatais, e a extinção de órgãos e empresas públicas, estas tinham a função de enxugar a máquina estatal, reduzindo as despesas do governo, alcançando o déficit público.

O Plano Collor foi um fracasso. No início, o índice inflacionário caiu consideravelmente, ficando em 3,3%. Mas, em seguida subiu para 9,6%, em questão de dois meses. A crise econômica se agravou, pois o PIB caiu para 4,4%, marcando o pior desempenho econômico do país desde 1929. Dentro desse quadro de crise, houve o aumento dos impostos, do desemprego e da violência. Assim, a esperança e o apoio popular que foi dado a Collor nas urnas diminuiu consideravelmente, pois os dois planos criaram um cenário de recessão no país, que tiveram como consequência o aumento do desemprego.

O Plano Collor expôs de forma brutal a indústria nacional à concorrência internacional. O Brasil era um país superfechado, com indústrias superprotegidas. Havia produtos cuja importação era proibida e outros com alíquotas de importação de 170, 1340%. Da noite para o dia essas barreiras alfandegárias foram eliminadas, caíram pra 20, 40%. Isso expôs muitos setores a uma concorrência altamente prejudicial, porque o país não estava, como ainda não está preparado para evitar a entrada de produtos altamente subsidiados ao mercado interno. (NAVARRO, 2006, p.202)

O fim do seu governo ocorreu em 29 de dezembro de 1992, com o seu *impeachment*², após constantes denúncias de corrupção e tráfico de influências contra ele e contra seu sócio e

² Impeachment é um termo em inglês que denomina o processo de cassação de mandato do chefe do Poder Executivo, seja ele nas esferas federal, estadual (provincial) ou municipal. A acusação pode ser crime comum ou crime por responsabilidade. A tradução literal de impeachment é impugnação de mandato. Esse processo é realizado pelo Poder Legislativo – no caso as câmaras ou assembleias de deputados federais ou estaduais

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

tesoureiro, Paulo César Farias. O cargo foi passado ao então vice-presidente Itamar Franco do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, que tinha como meta uma gestão transparente, como o Movimento pela Ética na Política, e a realização de uma transição tranqüila para seu sucessor.

O mundo do trabalho nesse período passou por profundas transformações que afetaram não apenas a dinâmica das forças produtivas, mas também a dinâmica e a composição da própria classe operária, que se tornou mais heterogênea, mais complexificada e fragmentada.

Os avanços tecnicocientíficos (informática, telecomunicações, robótica, biotecnologia e outros) e a difusão de rede de informação reforçaram e facilitaram o processo de globalização. Estabeleceram um intercâmbio acelerado (reduzindo o espaço e o tempo), não só na esfera econômica (mercados, tecnologia de produção), mas atingindo também, os hábitos, os padrões culturais e de consumo. A classe trabalhadora, debilitada por causa do desemprego, resultante do maciço investimento tecnológico, ou ficou desamparada, ou foi absorvida pelo setor de serviços, uma economia fluida e que não permite a formação de uma consciência de classe.

Tais avanços levaram ao aumento do número de máquinas nas indústrias, o que implicou em um aumento significativo do desemprego, pois para controlar o funcionamento destas, não era necessário um grande contingente de mão-de-obra. Além disso, este processo casou a elitização do emprego, já que para o controle adequado de cada máquina é necessário um maior conhecimento. Assim, a inserção das máquinas tornou-se um processo de exclusão, onde para continuar integrado nas indústrias era necessário à adequação à tecnologia, o que não era de alcança de todos, visto que o conhecimento também se tornou uma mercadoria.

[...] No âmbito da fabrica global criada com a nova divisão transnacional do trabalho e da produção, a transição do fordismo ao toyotismo e a dinamização do mercado mundial, tudo isso amplamente favorecido pelas novas tecnologias eletrônicas, nesse âmbito colocam-se novas formas e novos significados do

(provinciais) ou de vereadores na esfera municipal. Além de perder o mandato, o chefe do Poder Executivo pode também ter seus direitos políticos (de votar e ser candidato) cassados por um certo período, dependendo da legislação de cada país. Atualmente, no Brasil esse período é de oito anos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/impeachment> Acesso em 12/07/2008

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

trabalho. São mudanças quantitativas e qualitativas que afetam não só os arranjos e a dinâmica das forças produtivas, mas também a composição e dinâmica da classe operária. A própria estrutura social, em escala nacional, regional e mundial, é atingida pelas mudanças. (IANNI, 1996, p.123)

Estas mudanças atingiram a categoria trabalho em todas as suas esferas, abrangendo desde a organização e sistematização da produção nas empresas, no mercado e relações de trabalho, nos sindicatos. Ou seja, a partir nova fase, tem-se a uma mutação desta categoria em função da nova lógica do capital, visando o aumento da produção em função tanto do mercado interno quanto o externo.

A partir destas estratégias estruturou-se na década de 1970 uma nova divisão internacional do trabalho, com o propósito de conduzir a uma nova composição do proletariado, ampliando consideravelmente a tendência de diminuição da classe operária dentro da indústria.

Como consequência direta deste processo, a década de 1980 foi marcada por uma dupla crise no mundo do trabalho, atingindo tanto a materialidade e a subjetividade do trabalho, pois ao ocorrer constantes mutações no processo de trabalho como também no de produção do capital, atingindo, por conseguinte a classe trabalhadora em todas as esferas que constituem sua identidade, transformando, desta forma, sua identidade propriamente dita.

Pode-se notar que a crise da materialidade do trabalho é evidenciada no modelo de produção fordista e na lógica taylorista de organização do trabalho, que deixaram de ser o único modelo dominante no processo de trabalho. Pois, criaram-se formas alternativas de produção do capital e de mercadorias nos nossos dias, sendo o toyotismo a mais conhecida. (SILVA, 2007, p.42)

Inicia-se a partir desta nova lógica do capital, uma campanha de substituição das culturas gerenciais por culturas de qualidade, em todos os setores produtivos de bens e serviços, bloqueando, no Brasil, a reivindicação de combinar qualidade com quantidade na produção, juntamente com os métodos e técnicas de organização da produção e do trabalho.

Assim, a acumulação flexível encontra no modelo japonês – toyotismo - sua consagração, sendo

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

[...] marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças nos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (tais como ‘Terceira Itália’, Flandres, os vários vales e gargantas do silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados). Ela também envolve um novo movimento que chamarei de ‘compreensão do espaço-tempo’ no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado. (IANNI, 1996, p. 127)

Portanto, neste modelo de fábrica enxuta – utilizando um quadro mínimo de funcionários -, o trabalhador tem um maior domínio e amplitude do trabalho realizado. Conseqüentemente o trabalhador passa a ser capaz de prover problemas e interferir em qualquer etapa da produção. No entanto, este mesmo modelo, através da introdução, cada vez maior, da automatização³ e da robótica⁴, acaba por induzir ao surgimento do desemprego estrutural.

³ O processo de automação consiste numa ferramenta para melhorar e agilizar o atendimento ao Cliente, controlar Estoque, otimizar as Compras e os custos da Empresa. Um projeto de automação pode aperfeiçoar os controles, principalmente do Estoque, evitando desvios e perdas de mercadorias. Não basta a preocupação somente com as vendas ou com o atendimento ao público. É preciso organizar a Empresa como um todo, saber onde o dinheiro está sendo empregado, controlar os gastos e despesas financeiras, pois só assim os ganhos que se conquistam na venda não serão perdidos na retaguarda. <http://www.memoconta.com.br/automacao.htm> Acesso: 21/10/2008

⁴ Na sociedade atual, há uma crescente necessidade de se realizar tarefas com eficiência e precisão. Existe também tarefas a serem realizadas em lugares onde a presença humana se torna difícil, arriscada e até mesmo impossível, como o fundo do mar ou a imensidão do espaço. Para realizar essas tarefas, se faz cada vez mais necessária a presença de dispositivos (robôs), que realizam essas tarefas sem risco de vida. A robótica é a área que se preocupa com o desenvolvimento de tais dispositivos. Robótica é uma área multidisciplinar, altamente ativa que busca o desenvolvimento e a integração de técnicas e algoritmos para a criação de robôs. A robótica envolve matérias como engenharia mecânica, engenharia elétrica, inteligência artificial, entre outras, com uma perfeita harmonia, que se faz necessária para se projetar essas maravilhosas tecnologias. Temos hoje robôs em várias áreas de nossa sociedade: robôs que prestam serviços, como os desarmadores de bomba, robôs com a nobre finalidade da pesquisa científica e educacional e até mesmo os robôs operários, que se instalaram em

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Na cidade de Franca, a introdução do toyotismo foi intensificada a partir da década de 1990, através da adoção do processo de terceirização. No entanto, cabe ressaltar, que o movimento de terceirização é uma prática anterior na cultura do calçados, mas a partir desta década observou-se à intensificação desse processo, com o aumento do número das bancas de pesponto e de costura manual.

TABELA 6: Número de Bancas de Pesponto e de costura manual em Franca: 1990-1993.

Ano	Nº
1990	486
1991	838
1992	1.051
1993	1.905

Fonte: Banco de Dados da Prefeitura Municipal de Franca, apud NAVARRO (2006).

Como consequência da terceirização tem-se o aumento das subcontratações através das bancas e do trabalho em domicílio, além da intensa preocupação com a racionalização da produção no interior das unidades fabris, pois diminuir os custos da produção é condição essencial para a sobrevivência das empresas.

Cabe ressaltar, que as modificações no planejamento e organização da produção e do trabalho, vão ocorrer sem grandes investimentos em máquinas e equipamentos, principalmente porque a produção de calçados, em algumas de suas etapas, possuem um forte caráter artesanal, deste modo, neste novo sistema, mescla-se o modelo taylorista – linha de produção, com o toyotista – introdução da esteiras e terceirização de alguns setores.

Os empresários falavam em trazer novas máquinas, mas na realidade não trouxeram, porque as que foram compradas eram mais novas e rápidas, mas não era uma inovação, uma coisa que nenhuma fábrica tinha ou que não poderia ter.⁵

nossas fábricas e foram responsáveis pela "segunda Revolução Industrial", revolucionando a produção em série, substituindo o carne e o osso pelo aço, agilizando e fornecendo maior qualidade aos produtos. <http://www.din.uem.br/ia/robotica/oqerobo.htm> Acesso 21/10/2008

⁵ Entrevista com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Calçadista de Franca e região.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A adoção deste novo sistema de produção implicou em um grande desafio para as indústrias, que era o de reduzir o ciclo de produção – compreende deste o momento em que se entrega a ficha (ordem de serviço) até o calçado ser colocado na caixa, e estar pronto para ser faturado, já que este varia muito, pois depende do tipo da modelagem, de empresa, do nível tecnológico empregado. Graças a estas peculiaridades, um calçado poderia chegar até trinta dias percorrendo a linha de produção, o que significa um grande investimento em capital de giro.

Além da diminuição do tempo gasto, também era imprescindível a melhoria na qualidade do produto, o que não representava apenas na compra de matéria-prima de melhor qualidade, mas também maior cuidado com o seu manuseio. Assim, passou-se a ser exigido do trabalhador maior cuidado com o calçado em elaboração⁶.

Então a produção é muito diversificada, e pro trabalhador que é mensalista e anista isso não faz diferença, mas pro trabalhador que trabalha por peça, por tarefa isso é um complicador enorme, principalmente em relação aos novos modelos, por que ele vive em constante pressão, e isso tem levado a muita LER.⁷

Nesta nova conjuntura, as células de produção passam a ser utilizadas apenas pelas empresas que possuem produção diversificada, pois para as que recebem encomendas de grande volume, com pouca variedade de modelos, a produção através da esteira é o mais adequado. Assim, tornam-se cada vez mais frequentes no interior das fábricas constantes mudanças na disposição do maquinário e dos equipamentos necessários para a produção, na medida em que as empresas se adéquam ao atendimento dos pedidos.

Logo, o gerenciamento da produção passa a ocupar um papel de destaque, conseqüentemente ao rever o processo de produção, a terceirização passa a ser o caminho mais adequado. Deste modo, algumas empresas adotam as a terceirização, enquanto outras

⁶ A Calçados Samello S/A foi pioneira na adoção de inovações organizacionais. Em 1981, iniciou um programa de treinamento (SENAI) com seus funcionários, objetivando aumentar a qualidade de seus produtos e a produtividade da empresa.

⁷ Entrevista com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Calçadista de Franca e região.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

rejeitam, assim como, umas adotam o sistema de célula⁸, outras o sistema de linha⁹. O quadro abaixo apresenta as diferenças básicas entre produção em células e a linha convencional.

QUADRO 3: Produção em célula e produção em linha.

CÉLULA	LINHA
Maior velocidade de resposta	Resposta lenta e baixa flexibilidade
Predomina participação em grupo	Individualismo predominante
Maior controle da qualidade	Dificuldade na localização de defeitos
Redução de estoques intermediários	Alto estoque intermediário p/ dia seguinte
Operador centrado em única máquina	Maior polivalência
Possibilidade de evolução contínua	Inibe a criatividade

Essa instabilidades quanto à organização da produção está diretamente ligada ao processo de reestruturação produtiva, que apesar de estar em curso desde a década de 1980, sofre um incremento a partir de 1990, quando o novo cenário aberto pelo mercado internacional aumenta as exigências por calçados de melhor qualidade, com maior variedade de modelos, em volumes menores e à preços competitivos. Deste modo, inicia-se uma série de experiências que vão desde a redução dos custos da produção, e diminuição salarial, até a eliminação de postos de trabalho e à crescente informalização do emprego. Estas mudanças

⁸ Uma Célula Produtiva é um arranjo de pessoas, máquinas, peças e métodos em que as etapas do processo ocorrem em forma seqüencial, através do qual as partes são em fluxo contínuo (ou em alguns casos, de forma consistente com lotes pequenos mantidos em toda a sequência das etapas do processo). As células podem ser usadas em muitos processos fornecedores que fabricam componentes ou produzem sub-montagens. As células e linhas podem ser sincronizadas pelos operadores, onde as pessoas iniciam a transferência de peças, ou sincronizada pela máquina, ou por uma correia ou esteira roda pela célula, transferindo peças automaticamente. O Layout físico mais conhecido de uma célula e o formato em “U”, mas muitas formas são possíveis. O processamento em fluxo contínuo também é possível em linhas de produção retas. www.agro.unitau.br/exatas/ojs/include/getdoc.php?id=598&article=72&mode=pdf Acesso: 12/10/2008

⁹ Os sistemas de produção em massa são usualmente organizados em linhas de montagem. Os produtos em processo de montagem passam através de uma esteira, ou, se são pesados, são alçados e conduzidos por um trilho elevado. Este modo de produção foi popularizado por Henry Ford no início do século 20. [.http://pt.wikipedia.org/wiki/Produ%C3%A7%C3%A3o_em_massa#O_uso_de_linhas_de_montagem](http://pt.wikipedia.org/wiki/Produ%C3%A7%C3%A3o_em_massa#O_uso_de_linhas_de_montagem) Acesso: 12/10/2008

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

vão atingir todas as etapas da produção do calçado, da modelagem até este ser colocado na caixa.

As oficinas de modelagem crescem concomitantemente à medida que se ampliam o número de empresas calçadistas de variados portes. Quanto à sua função, algumas se ocupam apenas com o desenho, a escalação e a preparação dos moldes, enquanto outras entregam a amostra, o protótipo do modelo pronto para o fabricante. Na maioria das vezes é instalada na casa do modelista.

A partir da reestruturação produtiva, esta etapa da produção passou a ter um papel de destaque, dado principalmente pela maior exigência do mercado, altamente competitivo, sedento por novos modelos e na rápida entrega dos já existentes. Dada a alta produtividade, paralelamente ao aumento da importância deste setor, expandiu-se também os modelistas autônomos.

A modelagem conheceu, na última década e meia, em um nível internacional, um grande avanço na utilização e desenvolvimento de sistemas CAD/CAM¹⁰ projetados especificamente para o uso na indústria calçadista. Somente no final dos anos de 1980 o sistema de CAD passou a ser utilizado na produção brasileira de calçados, introduzido pela Calçados Samello S.A. Na seção de modelagem dessa empresa, o sistema CAD é empregado no desenvolvimento do design do sapato e no desenho das peças do molde, na modelagem do calçado. Os dados do *design* são enviados para um sistema CAM que permite a produção dos moldes, em papelão, das diversas peças que compõe o modelo de um sapato, e sua respectiva escalação. Esses moldes são cortados, em papelão a *laser*. Outro sistema CAM permite, ainda, que o couro seja cortado com jatos d'água, com o corte sendo acionado diretamente pelo computador. [...] Em nenhuma empresa calçadista francana a operação de corte de couro é efetuada através do sistema CAM, a jato d'água ou mesmo a *laser*. (NAVARRO, 2006, p. 229- 230)

Na seção de corte, as alterações trazidas pela reestruturação produtiva são pautadas na eliminação das funções auxiliares, que passaram a ser atribuídas aos cortadores, sobre pondo-se as operações do corte. A principal mudança que ocorre com esta etapa da produção, principalmente a partir de 1993, é o repasse para as bancas de corte, diminuindo,

¹⁰ CAD/CAM – Computer Aided Design/ Computer Aided Manufacturing. São tecnologias de base microeletrônica, sendo o primeiro utilizado na elaboração dos modelos e da modelagem do calçado. O segundo permite o acionamento de um sistema de computadorização de corte da matéria-prima do calçado a jato d'água a *laser* ou com facas.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

conseqüentemente, o número de trabalhadores que desempenham esta função dentro da fábrica, o que é comprovado pela fala de um dos trabalhadores entrevistados:

[...] o que eu vi na fábrica que eu trabalhava, nessa época ... é que diminuiu muito o número de trabalhador, principalmente no corte no pesponto. Mas o trabalhador que continuou na fábrica ficou com bem mais trabalho.

Com a saída do corte¹¹ para ser realizado fora das indústrias, e dando relevância ao seu custo e ao cuidado com o manuseio, a seleção dos trabalhadores encarregados de realizar o corte em bancas ou a domicilio tornou-se rigorosa, dando preferência a ex-funcionários, considerados de confiança pelas empresas.

As bancas de corte que surgiram, principalmente na década de 1990, variavam no tamanho, no número de trabalhadores empregados e no tipo da instalação. As maiores possuíam em média de dez a doze trabalhadores. Nessas bancas, executava-se também o corte manual.

Quanto à instalação do maquinário na casa do cortador, esta exigiu a adaptação do imóvel, para que a estrutura suporte os constantes impactos provocados pela prensa hidráulica, quando acionada. Essas adaptações, entretanto, são impraticáveis pela maioria dos trabalhadores, pois além da falta de recursos necessários para tal investimento, muitos trabalhadores também se vêem impedidos de fazê-lo por morar em casa alugada.

Tem amigos meus que na época tiveram banca de corte em casa. Alguns colocavam as máquinas na varanda e na garagem. Mais com o tempo apareceu rachaduras na casa, porque o balancim faz trepidar a casa.¹²

Nos domicílios também é realizado o tressê (ou enfeites) e o pesponto. Logo após a realização do corte, quando o modelo a ser produzido possui enfeites, as peças antes de seguirem para o pesponto, são encaminhadas para as coladeiras de tressê.

Desde a década de 1970, o tressê é realizado em domicílio, pelo fato do volume de trabalhadores nas fábricas ter excedido a capacidade de instalação. Na maioria dos casos, as

¹¹ Na produção francana, o corte é realizado de duas maneiras: mecanicamente, com a utilização de balancins de corte, e manualmente, a faca, empregando as chamadas facas ou navalhas de cortador.

¹² Entrevista concedida por um trabalhador.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

“tresseteiras” não possuem vínculo empregatício com a empresa, principalmente por repartirem o trabalho entre os membros da família, amigas e vizinhas.

Esse trabalho possui um forte caráter familiar, com característica nuclear: compreende a mulher, os filhos e o marido, quando as mulheres são casadas ou vivem com seus companheiros, ou apenas mulher e os filhos, quando sós.

É freqüente, nos bairros operários de Franca, que as “coladeiras” de tressê ou de enfeites, a exemplo das costureiras manuais, reúnam-se para trabalhar em grupos, nas calçadas e varandas das casa. Elas partilham da companhia, uma das outras, mas não o trabalho: cada uma executa, com o auxílio de seus filhos, a sua cota de peças. Esse trabalho ocupa o dia todo das mulheres, sendo interrompido apenas para o preparo do almoço e do jantar e, quando os filhos, ainda são pequenos, para arrumá-los para a escola. Às vezes prolonga-se durante a noite e nos finais de semana. Parte do trabalho doméstico é executado durante essas interrupções, mas é freqüente que os cuidados maiores da casa sejam realizados nas manhãs de segunda-feira, quando as cotas de tressê e de enfeites ainda não foram distribuídas. (NAVARRO, 2006, p.251-252)

Na fala de um dos entrevistados é possível apreender melhor o quanto estas mulheres que as responsáveis por esta etapa da produção se sacrificam para conseguir atender aos prazos de entrega e, principalmente para alcançar uma produção que reverta em um salário mais alto:

No tressê e no pesponto também, não existe feriado, tem que trabalhar bastante, sem descanso. Tem uma amiga minha, que chega a ir dormir as três horas da manhã pra acordar as cinco horas, ela dorme só duas horas por dia. Mas com o tempo acostuma a dormir pouco sabia, ai sente até falta quando não tem sapato pra fazer.

Apesar de já existir máquinas para fazer tressê, a produção manual é mais valorizado, tanto pela qualidade do trabalho quanto pela valorização do sapato. É uma etapa da produção que exige muita habilidade e paciência, sendo executado normalmente sobre palas de alguns modelos de sapato. Os instrumentos de trabalho são a agulha e a tesoura. O bom aproveitamento da matéria-prima utilizada é uma exigência da empresa que repassa o trabalho. O intermediário entre a empresa e o trabalhador é quem fiscaliza o uso da matéria-prima.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Após a colocação dos enfeites, o calçado é enviado para o pesponto¹³, que também possui um forte caráter artesanal, exigindo a disponibilidade de poucas máquinas, que podem ser encontradas a um preço reduzido no mercado de segunda mão, o que permite que alguns ex-operários da indústria calçadista estabeleçam atividades autônomas, vendendo seus serviços para as firmas de maior porte.

Esta fase envolve o maior número de trabalhadores na indústria de calçados e é a que há mais tempo congrega o trabalho realizado em domicílio. até mesmo as empresas que ainda possuem seções de pesponto em seu interior, é comum o envio de parte da produção para ser feito nas bancas domiciliares.

A partir da reestruturação produtiva a forma de divisão e organização do trabalho nas seções de pesponto passou a ser alteradas, principalmente no que se refere a adoção de grupos ou células de produção. Com a introdução desse novo sistema de produção, passou-se a reunir em um mesmo espaço as atividades de pespontar, chanfrar, dobrar, passar cola, furar, pregar ilhoses, cortar e queimar linha, etc.

Deste modo, o pespontador deixa de ser aquele requerido pelo sistema de linha, na qual era especializado em um único tipo de costura, e passa a ser um trabalhador nos moldes do “homem polivalente”, com capacidade de realizar vários tipos de costura e que saiba pespontar os maíos diversos modelos de calçados, além de, cortar e queimar linhas.

Esta polivalência que é exigida dos trabalhadores favorece a empresa em diversos pontos, pois diminui-se muito o número dos auxiliares, o que implica em redução no pagamento de salários, principalmente, porque os pespontadores não ganham à mais, apenas acumulam tarefas. Outro ponto favorável, é que a produção torna-se mais rápida, pois o “tempo morto” – tempo gasto para levar o calçado de uma seção à outra - da produção é eliminado.

Para os industriais, essa relação é ainda mais vantajosa, pois no repasse dos serviços para as bancas de pesponto retiram-se das responsabilidades com gastos, que dizem respeito á manutenção de maquinário, do espaço físico, pagamento de tarifas e reduzem os custos com encargos sociais, deixando todas as despesas para o trabalhador.

¹³ No pesponto, as peças que vão compor o cabedal são unidas através de costura mecânica. É a partir desta operação que o calçado começa a ganhar forma.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Após o pesponto o calçado é enviado para a montagem, que na maioria das vezes é um processo mecanizado. No entanto, alguns modelos de calçado, ainda exigem uma montagem manual.

Esta etapa congrega uma grande variedade de máquinas e de equipamentos: máquina moldadeira, máquina de pregar palmilha, máquina de aviar palmilha, máquina de molda contraforte, máquina de montar bico, máquina de tachear base e máquina de montar lados.

No entanto, nem todas as empresas possuem capital financeiro suficiente para a aquisição de todos estes equipamentos. Na maioria das empresas de pequeno porte, é comum a adoção da produção de calçados tipo *mocassin*, que não necessita do uso da maioria destas máquinas.

Na seção de montagem, ao contrário do pesponto, predomina-se o sistema de linha, com todo o maquinário organizado ao longo de esteiras, que exige a sincronização do tempo e dos movimentos das diferentes operações realizadas. No entanto, a partir da década de 1990, observa-se a tentativa de algumas empresas de inserir a produção em células, dispostas em forma de U ou L, quando a produção de um determinado tipo de calçado for pequena.

Após a montagem, o calçado segue para as seções de acabamento, plancheamento¹⁴, revisão. Após todo esse processo o calçado está pronto e vai para a caixa.

Em todas estas etapas, tanto as que ocorrem dentro quanto fora da fábrica, a forma de remuneração é diferenciada. Há empresas que pagam o salário fixo por mês, o valor variando de acordo com a função exercida, e outras preferem pagar por peça, o que proporciona uma maior produtividade através do incentivo à prática de horas extras.

Tem coisa que anima agente a trabalha. Assim, quando agente não falta nenhuma vez no mês, agente ganha R\$75,00 a mais no mês. Ai, como agente trabalha em grupo, quando o grupo atinge uma boa produção é R\$60,00 a mais. Ai quando a

¹⁴ Local onde se realiza a limpeza do calçado, através do uso de água, sabão e solvente. Dependendo do calçado utiliza-se esfumecedores, aerógrafos. Nesta etapa, aplicam-se tintas, vernizes, óleos, graxas e pastas de cabedal, e tintas e vernizes no solado, se esse for de couro. Após a aplicação de tintas e vernizes, o brilho do calçado é obtido através de sucessivas escovações, em uma tarefa denominada pelos próprios operários como “abrir o lustro”, após o que se pode observar a existência de defeitos e/ou imperfeições do couro. Se possuir imperfeições, o calçado é reenviado ao plancheador, que o conserta. Com o calçado praticamente pronto, este vai para a fase final, onde são colocadas as buchas e baguetes. Feito esta etapa, o calçado é colocado na caixa e encaminhado para a seção de expedição.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

produção é normal, agente ganha R\$30,00 a mais. Ai, agente tem que ter consciência, pra não atrapalha o grupo, porque até se eu falto por problema de saúde, eu atrapalho o grupo.¹⁵

Através da análise das diversas etapas da produção de calçados, constata-se que o processo de reestruturação produtiva pautou-se, neste setor, no enxugamento do quadro de funcionários formais, optando pela terceirização, que tem como conseqüência o aumento do trabalho informal, precarizado, subcontratado.

Assim, para os trabalhadores francanos essa nova forma de produção, o toyotismo, mesclado com taylorismo/fordismo, implica em jornadas de trabalho superiores há dez horas, sem folgas semanais, e perturbação do espaço destinado à família, ou seja, o trabalhador e sua família passam a viver em função do trabalho.

O operário não sofre somente com a insuficiência do pagamento. Ele sofre porque a atual sociedade está relegado a um nível inferior, porque está reduzido a uma espécie de servidão. A insuficiência dos salários é apenas uma conseqüência dessa inferioridade e dessa servidão. A classe operaria sofre por estar sujeita a vontade arbitrária dos quadros dirigentes da sociedade, que lhe impõe, fora da fábrica o seu padrão de existência e, dentro da fábrica, suas condições de trabalho. Os sofrimentos na fabrica por causa da arbitrariedade patronal pesam tanto na vida do operário, quanto as privações suportadas fora da fábrica por causa da insuficiência dos salários. (WEIL: 1980, p.113)¹⁶

Logo, neste novo modelo de produção, o complexo de reestruturação produtiva atinge as organizações pautadas na divisão do trabalho. Esse movimento cruza todas as fronteiras geográficas, políticas, econômicas, culturais, sociais e atinge a classe trabalhadora nas suas representações. Diante desta situação, os sindicatos enfraquecem suas forças de reivindicação, as empresas defendem a flexibilização do mercado de trabalho, aumentando o trabalho precário sem direitos e proteção social. Neste contexto o trabalhador torna-se alienado em relação ao próprio objeto que criou, e conseqüentemente se aliena da atividade, da relação consigo mesmo e com os outros, principalmente os seus familiares.

¹⁵ Entrevista cedida por um trabalhador.

¹⁶ Apesar de a autora retratar o cotidiano do trabalhador de 1937, foi possível adequar algumas de suas reflexões no cotidiano dos trabalhadores atuais.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Além disso, como consequência direta da abertura do mercado para a economia globalizada é possível dizer que em Franca/SP ocorreu uma terceirização acentuada, que se resume na precarização do trabalho, da saúde, e da família – esferas diretamente ligadas à identidade.

Assim sendo, o trabalho ocupa um lugar central na formação da identidade, ocupando uma posição de destaque na vida de quem o realiza, seja pelo fato de ser um meio de sobrevivência, seja pelo tempo da vida a ele dedicado, ou ainda, por ser um dos principais instrumentos através do qual o homem dialoga com seu meio social e com seu tempo, constituindo assim, sua identidade.

No entanto, o sentido dado ao trabalho sofreu constantes modificações ao longo da história. Atualmente seu sentido dúbio tem estado em destaque, já que ao mesmo tempo em

[...] que cria, mas também subordina, humaniza e degrada, liberta e escraviza, emancipa e aliena, mantendo o trabalho humano como questão nodal em nossa vida. E, neste limiar do século XXI, um desafio crucial é dar sentido ao trabalho, tornando a vida fora dele dotada de sentido. (ANTUNES, 2005, p.12)

Não foi outro o significado dado por Marx ao enfatizar que como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza, portanto, vida humana.

Engels, na mesma linha de pensamento, afirma que o trabalho supera o simples fato de transformar a matéria, sendo, essencialmente, o fundamento da vida humana. Lukács, complementa, assegurando que, para quem

somente o trabalho tem em sua essência ontológica um declarado caráter intermediário: é em sua essência uma inter-relação entre o homem (sociedade) e natureza, seja inorgânica [...] ou orgânica, interrelação que [...] antes de tudo distingue a passagem, no homem que trabalha, do ser meramente biológico àquele tornado social. (LUKÁCS, 1981, p.547)

Assim, torna-se possível considerar que a maioria dos autores, ao estudar a categoria trabalho, a define como um processo criativo do ser humano, fundamental para sua afirmação na sociedade e parte constituinte da identidade.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

No entanto, a conjuntura atual do trabalho, levando em consideração sua centralidade na vida das pessoas, tem realçado suas conseqüências negativas tanto dos que trabalham – precarização das condições e relações de trabalho, salários baixos, jornadas de trabalho extensas, subcontratação -, quanto dos que não trabalham – desemprego, o que tem como conseqüência a exclusão deste no processo social de produção e de condições de sobrevivência.

Ao analisar as condições de trabalho no setor calçadista de Franca/SP, enfatizando sobre a década de 1990 e acompanhando seus direcionamentos posteriormente tanto na organização da produção quanto na vida dos trabalhadores, observa-se que a grande constrição para o trabalho tem levado a alienação e ao estranhamento deste trabalhador frente ao que ele produz, a ele mesmo e aos seus familiares.

Frente a esta nova conjuntura, os trabalhadores passaram a conviver com a constante ameaça da perda de seus empregos, e para garanti-lo estes tiveram que tornarem-se mais habilidosos e rápidos, para acompanharem a produção e a diversidade dos modelos.

Em 1990, continuei na costura, dentro da Samello. Até que um dia resolveram reduzir meu salário, mesmo assim, continuei trabalhando. [...] Se agente não trabalhasse o tanto que precisa pra atingir a produção, agente era demitido, mesmo cansado continuava trabalhando. Também, se agente reclamasse, agente perdia o emprego, porque tinha um lá fora querendo trabalha. A pressão era maior, porque agente tinha que produzir mais, mais com muita qualidade, ai eu ficava muito stressado.

Nesta fala, percebe-se que neste novo sistema de produção as mudanças não se restringiram no modo de produzir o calçado, mas principalmente na forma como o trabalhador deveria trabalhar, em relação ao tempo utilizado e na qualidade, exigindo deste uma maior dedicação à produção.

Desta forma estabeleceu-se dentro da empresa a competição entre os trabalhadores, que deixaram de se reconhecer como classe – identidade coletiva/ “classe para si” (MARTINELLI, 1989) -, passando a reconhecer-se como seres individuais, disputando através de uma maior produtividade e qualidade do trabalho garantir o emprego,

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

independentemente, se isso implicasse na demissão dos que até pouco tempo, eram companheiros de luta.

Dentro da empresa tinha uns que tinham muita habilidade, ai produziam mais. Ai, agente pra não ser demitido tinha que produzir o mesmo tanto ou mais que eles. Mas não podia perder a qualidade do serviço. Tinha também uns que escolhiam o sapato mais fácil de costura, ai costurava mais, ai quem ficava com os mais difíceis, ficava mais tempo no mesmo sapato, e perdia um pouco no salário. Por que, começou a funcionar assim, antes eu ganhava na costura R\$600,00 reais e costurava mais ou menos 15 sapatos por dia. Ai depois da terceirização, pra eu continua ganhando o mesmo tanto eu tinha que costura 25 pares de sapato.

Esta competição dentro da própria categoria representa, em contrapartida, o enfraquecimento do sindicato, pois os trabalhadores além de terem medo de se mostrarem contra a política da empresa, não podem perder tempo de trabalho para ir até a sede do sindicato reivindicar por direitos, e melhorias salariais, organizando-se, assim, como classe.

Os organismos sindicais, incluindo aí seus aspectos de movimento e de instituição, passaram a ter muita dificuldade em dar conta do novo cenário, que lhes reduzia grandemente os espaços de manobra, colocando em risco as praticas de ação e as conquistas desenvolvidas ao longo do século XX. Os novos tempos pareciam trazer um tipo de sociabilidade que se contrapunha a quaisquer possibilidade de participação de corte coletivo e público. (SANTANA; RAMALHO, 2003)

Quanto ao tempo dedicado ao trabalho, tornou-se cada vez mais intenso, ocupando até o horário de almoço dos trabalhadores, com o intuito de alcançar uma maior produção, mantendo assim, seus salários, já que estes sofreram redução durante a reestruturação produtiva. No entanto, quando o trabalhador não alcança sua cota diária, este permanece na empresa após o final de seu expediente. Esta é uma prática freqüente, pois se produzem menos, ganham menos, e no dia seguinte fica sobre sua responsabilidade um volume maior de pares de calçado, pois o trabalho acaba acumulando-se.

Pra eu produzir mais, eu comecei a trabalha na hora do almoço, ai, ao invés de ter uma hora de almoço, eu almoçava em vinte minutos, e o resto do tempo, eu pegava pra trabalha. Às vezes eu ficava depois da hora do serviço, porque a

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

empresa deixa agente fica, se agente quiser né, porque tinha dia que eu não tinha um ritmo bom de trabalho, por causa do cansaço, sabe.

Assim, os sapateiros trabalham mais de oito horas por dia, ou seja, este trabalhador está constantemente submetido a longas jornadas de trabalho, pouca pausa para descanso, refeições de curta duração, ritmos intensos, pressão de supervisores. Como consequência direta na identidade destes trabalhadores tem-se a submissão deste a categoria trabalho, na qual deixam de se apropriarem da realidade social na qual estão inseridos, alterando, por conseguinte todas as esferas que compõem a identidade.

Segundo os relatos destes trabalhadores, estes sentiram alterações, sobretudo nas seguintes nos seguintes pontos: saúde (problemas de saúde, tanto físicos quanto mentais - stress, fadiga crônica, distúrbios do sono, LER, doenças respiratórias, perda da audição, etc-), trabalho, e família (além de alterações negativas no relacionamento familiar).

Nessa época eu tive muita pressão, muita cobrança pra atingi a produtividade e ganha um pouco mais, ai fiquei muito estressado, meu cabelo caiu, tive problema no estômago. Tinha vezes que descontava toda minha raiva, na minha mãe. Agente sempre acaba descontando nas pessoas mais próximas né.¹⁷

Em alguns casos, o cansaço causado pela grande constrição ao trabalho gera falta de atenção dos trabalhadores na realização de suas tarefas, o que somado a falta de uso de equipamentos de segurança, acaba acarretando em acidente de trabalho¹⁸.

¹⁷ Dando ênfase ao primeiro relato, acerca de problemas de saúde, pela ausência de identificação entre o transtorno mental e o trabalho, que está diretamente relacionado com o não reconhecimento da inter-relação saúde e trabalho a ser realizada pelos profissionais do serviço de saúde, dos sindicatos e dos próprios trabalhadores, cabe ressaltar que este fato acaba na maioria das vezes, gerando uma série de problemas para o trabalhador, que vão desde a imposição de barreiras para seu tratamento, até a obtenção de seus direitos perante a Previdência

Social, principalmente no caso dos trabalhadores do mercado formal e que e afastam em decorrência do transtorno mental.

¹⁸ De acordo com o artigo 19 da lei 8.213, publicada em 24 de julho de 1991, a definição de acidente de trabalho é: "acidente de trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, ou pelo exercício do trabalho do segurado especial, provocando lesão corporal ou perturbação funcional, de caráter temporário ou permanente". Essa lesão pode provocar a morte, perda ou redução da capacidade para o trabalho. A lesão pode ser caracterizada apenas pela redução da função de determinado órgão ou segmento do organismo, como os membros.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Eu já sofri acidente de trabalho. Teve um dia que tava cansada, ai me distrai e a agulha do pesponto atravessou meu dedo. Mas teve uma amiga minha que ficou cega com a tesoura. Ela era nova no trabalho, ai ela tava cortando a fita, e ao invés de grudar a fita na mesa pra cortar, ela grudo no dedo, ai no que ela fez assim, a tesoura pego dentro do olho dela.

Ainda em relação à saúde, percebe-se que quando afastados de seu trabalho, os trabalhadores mudam a forma como se vêem, pois passam a se achar “inúteis”, por não conseguirem mais cumprir um dos papéis atribuídos pela sociedade. Deste modo, este pára de buscar e re- construir personagens, levando este a sua morte simbólica ou até biológica, parafraseando o autor Antonio da Costa Ciampa.

Quanto ao campo familiar, a qualidade de suas relações e convívio, estão diretamente ligados ao trabalho e ao tempo despendido a ele. O aumento do tempo dedicado ao trabalho também gera conflitos e perdas na esfera familiar, provocando a perda da auto-estima e da afetividade dos personagens que a compõe. Tais conflitos dão se, principalmente, devido aos conflitos constantes que o sapateiro tem em relação ao seu trabalho e aos seus empregadores, e ao não conseguir e não poder verbalizar o que realmente sentem, ou até mesmo abandonar esta situação degradante, acabam descontando suas frustrações e descontentamento em seus familiares.

Além disso, estes muitos vezes abandonam seu tempo de não-trabalho, para terem uma produtividade maior, o que gera um grande cansaço, impossibilitando a existência de momentos em família.

Eu tive que começa a trabalha mais, ai não tinha tempo pra fico com meus filhos. E hoje continuo trabalhando muito também, ai chego em casa a noite, e logo eles tem que ir dormir, ai acabo ficando pouco com eles. Sinto muito tempo de ficar com minha família.

Em relação às bancas de pesponto domiciliares, este conflito familiar transcende o cansaço e o stress, já que o trabalhador passa a conviver com o trabalho dentro de seu ambiente familiar, assim o local de trabalho e os demais locais da casa se confundem,

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

tornando a exploração constante, pois esta passa a não se restringir apenas ao espaço físico da indústria, agora, esta dentro do domicílio. Destarte, este trabalhador passa a misturar papéis, pois em um mesmo ambiente assume o papel de sapateiro, de mãe/pai, o de cuidador da casa, portanto, acabam por não interpretar nenhum deles de maneira completa, gerando um estranhamento deste frente a si mesmo.

Não obstante, há casos em que as relações familiares também se tornaram profissionais, pois nas bancas a remuneração é feita por par de sapatos, logo para atingir uma maior renda toda a família começou a fazer parte do processo de produção.

Pra mim, tem sido muito difícil trabalhar em casa, porque as vezes eu não faço nem uma coisa, nem outra, eu me perco entre cuidar dos filhos e o pesponto do calçado. Ai eu me canso ainda mais.

Deste modo, além de influenciar diretamente o trabalhador em sua forma de atuação dentro do trabalho, no relacionamento com os outros funcionários da empresa e até no familiar, e na saúde, o trabalho também restringe este trabalhador em seus momentos de não trabalho. Pois, as atividades que este realizará em seus momentos de folga, no que se refere à cultura, lazer, estudo, estão diretamente ligados ao salário, que no caso em ênfase, são baixos.

O meu salário não dá pra tudo que eu gostaria de fazer, as vezes não dá nem pra que eu preciso. Mas agente tenta contornar. Porque quando eu ganhava mais, antes desta diminuição de salário que teve em 90, sabe... eu esbanjava muito, comprava muita coisa supérflua, jogava dinheiro fora. Agora que eu ganho pouco aprendi a economizar.

Considerando identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, e considerando também que para cada indivíduo existem vários papéis, como por exemplo, o papel de trabalhador, pai, mãe, sindicalizado, entende-se que o trabalhador francano passou a exteriorizar apenas o papel de trabalhador, exercendo apenas funções, deixando de lado, assim, os significados. Ou seja, todas as ações destes trabalhadores passam a ser mecânicas. Destarte, o trabalhador passa a não se reconhecer mais fora do

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

trabalho, não conseguindo mais estruturar uma vida fora dele, já que todas as relações tornaram-se mercantilizadas.

A lógica da relação capital/ trabalho é cruel para estes trabalhadores, que passam a ter uma vida sem sentido fora do trabalho, além disso, a família desse trabalhador também passa a ser degradada. Acabam-se assim, com a liberdade humana, passando a gerar um estranhamento do homem em relação ao seu trabalho, ao que produz, a si próprio e a sua família, passando a distanciar-se de seus sentidos e instaurando assim a alienação.

Assim sendo, dentro desta nova lógica capitalista gera-se uma sociedade dos descartáveis, uma vez que a lógica da reestruturação e da produtividade, quando comandada pelo ideário e pela pragmática do capital, acarreta a crescente redução do trabalho vivo e sua substituição pelo trabalho morto. Assim, o homem que já não tem controle sobre o que produz, passa a não ter controle sobre si próprio, passando a si ver como um mero apêndice da máquina, que a qualquer momento pode ser substituído.

Portanto, para garantir a existência de sua identidade, visto que o papel do trabalho é fundamental na sociedade atual, o trabalhador para alcançar uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social deve demolir as barreiras existentes entre trabalho e tempo de não-trabalho, onde este por meio da arte, da música, da leitura, e do tempo livre possa humaniza-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo. No entanto, para que tal utopia seja alcançada, torna-se imprescindível romper com esta lógica do capital, que é expressão de vida e degradação, criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão.

Uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compartilhar trabalho desprovido de sentido com tempo verdadeiramente livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. (ANTUNES, 2005, p.64-65)

Logo, precariedade, flexibilização e desregulamentação são características marcantes do processo de reestruturação, de maneira sem precedentes para os assalariados. A flexibilização é considerada uma maneira de combater o desemprego. Ela pode ser entendida como: liberdade da empresa para demitir seus empregados, sem penalidades; faculdade da

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

empresa em pagar salários reais mais baixos do que a paridade de trabalho; possibilidade de a empresa subdividir a jornada de trabalho em dia, semana de sua conveniência, mudando os horários e as características por turno, por escala, em tempo parcial, horário flexível; possibilidade de contratar trabalhadores em regime temporário, de fazer contratos por tempo parcial. Logo, ela não é solução para aumentar os índices de ocupação, ao contrário é uma imposição à força de trabalho para que sejam aceitos salários reais mais baixos e em piores condições.

No universo estudado, a cidade de Franca/SP, além das mudanças referentes às bancas de pesponto e a subcontratação, houve uma redução abrupta do número de funcionários dentro das fábricas, o que é consequência direta da terceirização de algumas etapas da produção. O que torna comum a rotação de trabalhadores contratados, ou seja, as fábricas possuem um quadro de funcionários fixos, no entanto, em períodos de aumento de produção, novos funcionários são contratados e demitidos, com o decesso da produtividade.

Prontamente, é possível constatar, que na indústria calçadista francana, a evolução do quadro de reorganização da produção, para atender as exigências do capital, deu-se essencialmente em função da organização do quadro de funcionários, e em menor grau a implantação de máquinas eletrônicas.

Dentro desta nova conjuntura imposta pelo trabalho, cada trabalhador sentiu de forma diferenciada suas implicações, no entanto, nos relatos concedidos, os sapateiros ressaltavam como principais alterações as que ocorreram no âmbito do trabalho (em relação a sua autonomia na produção e a própria classe operária), da saúde (aumento de doenças relacionadas a grande constrição ao trabalho, como problemas respiratórios, de audição, psicossociais, LER – Lesão por esforço repetitivo, além de acidentes de trabalho) e da família (enfraquecimento dos laços familiares), sendo estas esferas ligadas diretamente a formação da identidade.

Quanto às famílias, cada vez menos estas possuem seu espaço definido dentro de sua própria casa, como já foi mencionado anteriormente, os espaços de trabalho e familiar passaram a se confundir, o trabalho invadiu o espaço destino a família, ao lazer.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

No âmbito dos trabalhadores do setor calçadista de Franca, o trabalho flexível, temporário, terceirizado, com ênfase no curto prazo, diminui as possibilidades destes desenvolverem experiências e constituírem uma narrativa coerente para suas vidas, pois passam a viver no e para o trabalho.

O trabalho acaba por estabelecer à estes trabalhadores limites às suas possibilidades de estabelecimento de vínculos interpessoais com seu fazer e, conseqüentemente, terem reduzidas as possibilidades de identificação com os outros e com seu trabalho.

Porém, atualmente, o papel que o trabalho assumiu nos processos identificatórios dos trabalhadores, tornando-se elemento constituinte da subjetividade humana, e, por conseguinte, de sua identidade. No entanto, tal associação implica em considerar a reciprocidade entre estas duas esferas, e a constituição de personagens a partir do contexto e as características desta relação.

Logo, o sentimento de apreensão frente à possibilidade do desemprego, diminuição do salário e a perda de um vínculo fixo dentro da empresa, gerado por esta nova etapa do setor calçadista de Franca, faz com que os operários centralizem suas atenções nas relações de trabalho, ou seja, as mudanças que permeiam este contexto produtivo interferem nas dimensões da vida social destes. O que evidencia as contradições que se estabelecem na relação homem – trabalho, visto que ao mesmo tempo, em que se atribui a esfera trabalho uma categoria fundante na vida humana, este por sua vez acaba por causar estranhamento e alienação do homem.

[...] o sistema gera, por sua vez, um sofrimento crescente entre os que trabalham. O sofrimento aumenta porque os que trabalham vão perdendo gradualmente a esperança de que a condição que hoje lhes é dada possa amanhã melhorar. Os que trabalham vão cada vez mais se convencendo de que seus esforços, sua dedicação, sua boa vontade, seus “sacrifícios” pela empresa só acabam por agravar a situação. [...] Assim, entre as pessoas comuns, a relação para com o trabalho vai-se dissociando paulatinamente da promessa de felicidade e de segurança compartilhadas: para si mesmo, primeiramente, mas também para os colegas, amigos e os próprios filhos. (DEJOURS, 1999, p. 17)

Esse sofrimento amplia-se ainda mais com o fato de que o esforço direcionado ao trabalho não permitirá satisfazer as expectativas criadas no plano material, afetivo, social e

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

político. As conseqüências deste sofrimento recaem principalmente, no funcionamento psíquico e na saúde. Em contrapartida, tal sentimento não desativa o capital, ao contrário, alimenta-o.

Nas situações de demissão, os sapateiros francanos deixaram de pertencer a um grupo determinado de profissionais - iniciando o processo de dessocialização progressivo -, perdendo sua rotina diária e seu lugar dentro da empresa, o que torna imprescindível a este, a reconstrução de sua identidade. Todavia, grandes partes destes trabalhadores reconstruíram esta identidade em conjuntura de total precarização do trabalho. Este processo também torna-se necessário no trabalho subcontratado e terceirizado, impedindo o operário de continuar se identificando e desenvolvendo novas identificações, a luz deste novo ciclo.

Nesta circunstância, criam-se novas afinidades de tempo e espaço, rompendo-se com a divisão entre tempo de trabalho e não-trabalho, exigindo envolvimento integral dos trabalhadores. Nos relatos dos sujeitos entrevistados, percebe-se que estes perderam sua autodeterminação frente ao trabalho e frente sua vida.

Conforme a análise dos apontamentos no cenário do trabalho, na contemporaneidade, feito pelos sujeitos entrevistados, constata-se que as relações de trabalho neste setor caracteriza-se pela fidelidade, permanência e continuidade na produção calçadista, diante de um contexto marcado pela transitoriedade, enfermidade, descontinuidade e caos.

É possível concluir através desses dados, que a vida destes trabalhadores vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, que é caracterizada, principalmente, pela flexibilização e instabilidade do emprego e a individualização da mão- de- obra.

Deste modo, estes trabalhadores vivem um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que produz, contribuindo para o crescimento da empresa, menos tem para consumir, já que quanto mais valores criam tanto mais se torna sem valor e sem dignidade, porquanto a mercadoria produzida torna-se mais importante do que quem a produz .

Concomitantemente, por trás de todas as vitrines de calçados, há o sofrimento dos que trabalham, mesmo em situações que colocam em risco sua própria saúde, seus laços

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

familiares, sua vida, temendo não satisfazer, não estar a altura das imposições da nova organização do capital (horário, ritmo, formação, praticidade), ou seja, o medo de não corresponderem aos requisitos necessários para tornarem-se um trabalhador polivalente.

Referência Bibliográfica

ABREU, Alice Rangel de Paiva. **O trabalho Invisível:** estudos sobre o trabalho a domicílio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.

ALVES, Giovanni. **O novo e (precário) mundo do trabalho:** reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Os Sentidos do Trabalho:** Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

_____; SILVA, Maria Aparecida (orgs). **O Averso do Trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **O caracol e sua concha:** ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____(orgs). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2006.

BRAGA FILHO, Hélio. **A reorganização da indústria de calçados de Franca.** Serviço Social e Realidade. Franca, 1993 – 2004, vol. 13.p.1-22, 2004.

_____. **Globalização em Franca:** a reorganização industrial e economia informal. FACEF – Franca, 2000.

CANOAS, José Walter. **O movimento operário-sindical em Franca/SP:** O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de calçados – STIC e a ação do Serviço Social – 1982 a 1984. São Paulo: PUC, 1991.

_____. **Franca, a globalização e as estratégias de sobrevivência.** Serviço Social e Realidade. Franca, 1993 – 2000, vol. 10. p. 1 -15, 2000.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

_____. **Nas pegadas dos sapateiros: 65 anos de STIC Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados.** Franca: UNESP, 2007.

CARLONI, André Ramos. **Mentalidade empresarial: das tachinhas das sapatarias à gestão das empresas que incorporaram as linhas de montagem.** Franca: Unesp, 2006. Dissertação de Mestrado em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social. / Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade - a era da informação: economia, sociedade e cultura.** V.2, 2º ed. Paz e terra.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

GABOR, Andrea. **Os filósofos do capitalismo: a genialidade dos homens que construíram o mundo dos negócios.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação.** São Paulo: Autores Associados, 1983.

GUIRALDELLI, Reginaldo. **Ser negra na precariedade das relações de trabalho.** Dissertação de Mestrado em Serviço Social. / Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2006”.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade Pessoal.** São Paulo: Ed. Celta, 1994.

HABERMAS, Jurgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

HARVEY, David . **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 12.ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

HOBSBAWM, Eric James. **Mundos do trabalho.** Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem.** 15. ed. Rio de Janeiro: zahar, 1979

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008,

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LEMOS, Maria Teresa Toríbio Britte e MORAES, Nilson Alves de. **Memória, identidade e representações**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LUKÁCS, Georg (1981). *Ontologia Dell'essere Sociale*, Roma: Editori Riuniti, 1981

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: identidade e alienação**. São Paulo: Cortez, 1989.

MARTINS, Heloisa (Org.); RAMALHO, J. R. (Org.) . **Terceirização - Diversidade e Negociação no Mundo do Trabalho**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MATTOSO, Jorge Eduardo Levi. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1995.

_____. **O Brasil desempregado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Tradução Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MOTA, A. E. (org.). **Nova fábrica de consensos**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MUSZKAT, Malvina. **Consciência e identidade**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

NAVARRO, Vera Lúcia. **A produção de calçados de couro Franca(SP): reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho**. 1998. 301 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 1998.

_____. **Trabalho e trabalhadores do calçado**. São Paulo, 2006.

RAMALHO, José Ricardo. **Precarização do Trabalho e Impasses da Organização Coletiva no Brasil**. In: ANTUNES, Ricardo. *Neoliberalismo, Trabalho e Sindicatos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

REZENDE, Vinicius Donizete de. **Lutas silenciosas: experiências de vida a partir da memória de velos sapateiros**. Trabalho de Conclusão de Curso – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca: UNESP, 2003.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo (orgs). **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003.

SANTOS, de Souza Boaventura (orgs). **A globalização e as ciências sociais**. - 2.ed. – S.P – Cortez, 2002.

Estudos do Trabalho

Ano III – Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Ser Social: Revista do Programa de Pós Graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da UNB./ organizado por Márcia de Melo Martins Kuyumjian. N.3 (jul./dez/1999) – Brasília UNB, 1999.

Ser Social: Revista do programa de Pós Graduação em política Social do Departamento de Serviço Social da UnB./ organizado por Márcia de Melo Martins Kuyumjian. n. 5 (jul./dez/1999) – Brasília UnB, 1999.

Serviço Social & Realidade. Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP/Franca, São Paulo. Brasil, 1993, 1-13, vol.9.

Serviço Social & Realidade. Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP/Franca, São Paulo. Brasil, 1993, 1-22, vol.13.

SILVA, Cíntia Aparecida. **Cluster calçadista francano após a abertura comercial de 1990:** impasses, impactos e reflexos para os trabalhadores. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social. Franca:UNESP, 2007.

SIQUEIRA NETO, José Francisco. **O Trabalho em Regime de Subcontratação no Brasil.** In : Jorge Eduardo Levi Mattoso; Carlos Alonso Barbosa de Oliveira. (Org.).

SOUZA, Irene Sales de. **A visão política de um grupo de operários da indústria de calçados de Franca:** um estudo das contradições de classe e nação. São Paulo: Puc, 1983. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica/ PUC, São Paulo, 1983.

STREY, Marlene Neves. **Psicologia Social Contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 1998.

VILHENA, Maria Ignez F. **A indústria de calçados em Franca.** In. Separata da revista da FFF. Franca, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, dez. 1968.

WEIL, Simone. **A Condição Operária e Outros Estudos Sobre a Opressão.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.